

O *compromisso histórico* e as repercussões
sociopolíticas em Itália:
antagonismos e consensos

Marco Gomes

Marco Gomes, Doutor em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É investigador integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra.
E-mail: gomes_marco78@hotmail.com

https://doi.org/10.14195/1647-8622_17_10

**O COMPROMISSO HISTÓ-
RICO E AS REPERCUSSÕES
SOCIOPOLÍTICAS EM
ITÁLIA: ANTAGONISMOS E
CONSENSOS**

Esta reflexão propõe caracterizar as principais dinâmicas do sistema político italiano na década de 70, interpretando, por um lado, o *compromisso histórico* como um projeto que despoleta uma nova dimensão de antagonismos e consensos e, por outro, analisando a crise interna da Democracia-Cristã à luz de um debate que apela a um novo modo de governar. Tanto as resistências como as expectativas desencadeadas pelo *compromisso histórico* surgem enquadradas por factores internos e externos ao PCI, no contexto de um processo de renovação da identidade político-cultural do partido.

Palavras-chave: *compromisso histórico* - *aggiornamento* - crise - Itália

**HISTORICAL COMMITMENT
AND SOCIOPOLITICAL
IMPACT IN ITALY:
ANTAGONISMS AND
CONSENSUS**

This reflection aims at characterizing the main dynamics of the Italian political system in the 70's, namely by interpreting the *historic compromise* as a project that unleashes a new dimension of antagonisms and consensuses and, on the other hand, by analysing the internal crisis of Christian Democracy in the light of the debate which claims for a new way of governing. Both the resistance and the expectations triggered by the *historic compromise* are framed by internal and external factors to the PCI, in the context of a process of renewal of the party's political and cultural identities.

Keywords: *historic compromise* - *aggiornamento* - crisis - Italy

Introdução

Dois acontecimentos contribuem para delimitar um espaço temporal altamente conturbado em Itália, onde se acentua o fosso entre as expectativas e a realidade de uma sociedade em convulsão. A 7 de junho de 1968, em Milão, um numeroso grupo de estudantes forma barricadas em redor da sede do *Corriere della Sera* e bloqueia a circulação de veículos na rua Solferino. A revolta contra o mais importante jornal italiano visa chamar a atenção para os limites e as condições em que se exercem as liberdades de expressão e de imprensa, sendo já um sintoma da musculada irreverência que irá acompanhar a ação dos mais jovens.

Dez anos depois, em Roma, a 16 de março de 1978, o presidente da Democracia Cristã é raptado pelas Brigadas Vermelhas. Prolonga-se por 55 dias o cativo quando o corpo de Aldo Moro¹, sem vida, é abandonado a poucos metros das sedes da Democracia Cristã (DC) e do Partido Comunista Italiano (PCI). É o episódio símbolo do terrorismo em Itália nos *anos de chumbo*.

O período que medeia estes dois acontecimentos é caracterizado por um ambiente extremamente inflamado. De um lado, a crise de legitimidade do sistema político nascido entre 1945-1948 e a instabilidade que afeta a coligação maioritária liderada pela DC. Do outro, os fermentos que agitam o tecido social: a maior crise económica do pós-II Guerra, corrupção, terrorismo e violência política, descoberta dos direitos civis pela classe média e vitalidade dos movimentos operário, feminista e estudantil. A DC conduz, em meados da década de 70, um país que apresenta amplas assimetrias e discute um projeto político que não deixa ninguém indiferente². Um número cada vez maior de eleitores são já animados pela ideia de que a prática política democrata-cristã caminha no sentido do esgotamento.

Intelectuais, jornalistas e políticos transformam a Península Itálica numa espécie de pátria do aforismo e da exegese, pelo que todas as reflexões assumem que a questão-chave gravita em torno do PCI. Impulsionado pela vitória no referendo para abolir a Lei do Divórcio (1974) e pelo histórico avanço nas eleições regionais (1975) e legislativas (1976), Enrico Berlinguer³ lança o projeto que vai reunir cada vez mais consensos e coloca o PCI no topo das preferências de largos estratos da população. O *compromisso histórico* é o elemento com maior repercussão no contexto da vida política italiana durante os anos 70, sobretudo após 1975. Acaba mesmo por ameaçar a base de apoio da DC e constitui um relevante elemento que, indiretamente, convoca o partido católico para uma reflexão interna em busca de um novo modo de governar.

O objetivo deste artigo consiste em caracterizar as principais dinâmicas do sistema político italiano na década de 70, quer interpretando o *compromisso histórico* como um projeto que despoleta uma nova dimensão de antagonismos e consensos, quer analisando a crise interna da Democracia-Cristã à luz de um debate que apela a uma nova forma de relacionamento com os cidadãos.

¹ Uma das figuras maiores da DC e do panorama político italiano a partir dos anos 60.

² Cfr. PASQUINO, Gianfranco – “Politica e ideologia”. In STAJANO, Corrado – *La cultura italiana del Novecento*. Roma: Laterza, 1996, p. 492-498.

³ Chega à liderança do PCI em março de 1972. É um dos mais relevantes políticos italianos do século XX.

1. Estado da questão

No artigo intitulado *L'evoluzione dei partiti contemporanei fra delegittimazione e centralità*, publicado em 2005, Piero Ignazi passa em revista alguns estudos sobre a função dos partidos políticos e conclui: “A crítica mais recente aponta para a ‘redundância dos partidos’: os partidos tornaram-se obsoletos, sempre menos relevantes no processo decisório, na articulação dos interesses ou na canalização das questões”⁴. O politólogo italiano nota, apesar de tudo, que estes não perderam poder, antes especializaram-se, em pleno século XXI, no “controlo monopolístico do recrutamento e dos recursos públicos”⁵. Eis, portanto, a inovação que permite ultrapassar a crise dos princípios das grandes massas, do doutrinação ideológico, da mobilização e do assentimento fiel. São os princípios que sustentam alguns dos mais elementares alicerces sobre os quais assenta, no caso italiano, a legitimidade dos dois poderes hegemónicos durante a designada Primeira República (1948-1994): a DC e o PCI. Os dois poderes que ao longo dos anos 70 atuam em função de um vocábulo perseverante e multifacetado: crise, crise económica, crise social, crise política e crise das instituições democráticas.

Norberto Bobbio escreve em 1981 que a crise havia assumido um carácter permanente. Diz o filósofo que, desde o momento em que se iniciara a degeneração do sistema político, em 1968, o país contava com 15 governos em 12 anos⁶. A efémera durabilidade do poder executivo (não do partido que ininterruptamente o sustenta) constitui, de facto, uma particularidade do edifício democrático italiano. Mas não a única. Outras graves disfunções decorrem das práticas *transformistas* associadas à classe política e da muito discutida, em meados da década de 70, imutabilidade do partido de governo.

É com base neste contexto de ectopia das soluções políticas, no pós-68, que se sucedem as discussões em redor dos modelos de governo e funcionamento democrático. Giorgio Galli, Giovanni Sartori, Norberto Bobbio e Enrico Berlinguer, entre outros, destacam-se pelas análises cuidadas e pelo impacto que determinadas concepções ou propostas assumem no âmbito do debate académico e cultural e do combate político.

O paradigma que havia dominado os primeiros 30 anos da história republicana é cunhado por Giorgio Galli como *bipartidarismo imperfeito*, conceito que designa a falta de alternativa política, eleitoral ou de governo. Para suplantar esta deformação é necessário, segundo Galli, uma maturação político-social coletiva (ao nível das classes e grupos sociais) que envolva sectores da burguesia e da classe operária⁷. Tal maturação deve corresponder a uma coligação democrática, disponível para racionalizar o sistema económico, munida de consensos, mas também pressionada por uma forte DC na oposição

Um segundo modelo, defendido por Bobbio, reclama a democracia representativa e coloca o enfoque no princípio da alternância em função do processo de escolha. A ideia visa demonstrar a incongruência dos discursos que não se baseiam nas dialéticas

⁴ Todas as traduções são da nossa responsabilidade.

⁵ IGNAZI, Piero – “L'evoluzione dei partiti contemporanei fra delegittimazione e centralità”. *Polis*. Bologna: Il Mulino. Nº 19 (2), 2005, 275.

⁶ Norberto Bobbio, “Nella crisi permanente”, *La Stampa*, 07/06/1981, 1.

⁷ GALLI, Giorgio – *Dal bipartitismo imperfeito alla possibile alternativa*. Bologna: Il Mulino, 1975, 212-215.

de esquerda ou de direita. O ponto nodal consiste em desconstruir o equívoco das propostas políticas do centro. São dois os argumentos que, na linha bobbiiana, procuram deslegitimar o *centrismo*: primeiro, a DC é estranha ao centro porque reproduz os interesses da direita democrática e parlamentar; depois, urge desmistificar as motivações que impelem o Partido Socialista Italiano (PSI) para o exercício da mediação, circunstância que o paralisa enquanto terceira força política⁸ e retira-lhe a pulsão reformadora⁹.

Outra análise da evolução do cenário político remete para o *pluralismo polarizado*, traduzido por um quadro fragmentado, pluripartidário, onde as formações políticas são ideologicamente diferenciadas e, entre estas, as que se encontram nas extremidades opostas revelam acentuada distância. O termo *polarização* respeita a culturas políticas não unanimemente aceites ou antissistema – partidos comunistas e/ou fascistas¹⁰. O arquétipo formulado por Giovanni Sartori não ignora que o PCI se havia tornado um partido semiaceite pela opinião pública e pelas estruturas democráticas. Os comunistas tinham abandonado a posição antissistema, sendo que esse fator não está muito longe de uma alteração genética. Para Sartori, a mudança *transformista* é indissociável dos 25 anos em interação com o sistema democrático, que resultam em acomodação.

2. O compromisso histórico e a ascensão comunista

Enrico Berlinguer escreve em setembro de 1973 uma série de três artigos¹¹ na revista teórica *Rinascita*, através dos quais explana a ideia do *compromisso histórico*. Reduzida ao osso, a iniciativa destina-se aos três principais partidos: PCI, DC e PSI. Propõe uma nova aliança entre as forças que representam a maioria do povo italiano, do proletariado aos camponeses, dos católicos aos laicos. Um propósito extraído da unidade popular e democrática apregoada por Palmiro Togliatti.

O projeto revela uma matriz nacional, reformadora. Visa mobilizar o tecido unitário no sentido do renovamento e progresso democrático do edifício social, das estruturas do Estado. E preconiza um caminho seguro de desenvolvimento económico. Trata-se, no fundo, no pensamento de Berlinguer, da necessária e progressiva transformação subjacente à *via democrática para o socialismo*¹².

A atmosfera internacional também se repercute no espírito da proposta. A queda de Salvador Allende ilumina os temores quanto às ações reacionárias em Itália¹³. Aliás, já bem presentes desde dezembro de 1969 quando o atentado da Piazza Fontana,

⁸ Oscila entre 10 e 15 por cento do eleitorado.

⁹ BOBBIO, Norberto – *Compromesso e alternanza nel sistema politico italiano: saggi su «Mondo operaio», 1975-1989*. Roma: Donzelli, 2006.

¹⁰ SARTORI, Giovanni – *Teoria dei partiti e caso italiano*. Milano: SugarCo, 1982, 208-210.

¹¹ Enrico Berlinguer, “1. Necessaria una riflessione attenta sul quadro mondiale. Imperialismo e coesistenza alla luce dei fatti cileni”, *Rinascita*, 28/09/1973, 3-4; “2. Riflessioni sull’Italia dopo i fatti del Cile. Via democratica e violenza reazionaria”, *Rinascita*, 05/10/1973, 3-4; “3. Riflessioni sull’Italia dopo i fatti del Cile. Alleanze sociali e schieramenti politici”, *Rinascita*, 12/10/1973, 3-4.

¹² *Idem*, “3. Riflessioni...”.

¹³ *Idem*, “1. Necessaria...”.

em Milão, marca o início de uma série de iniciativas impulsionadas por sectores de extrema-direita em resposta aos movimentos estudantil e operário e às novas formações da esquerda radical. Esses grupos, por vezes coadjuvados por corpos do Estado (serviços secretos), procuram criar um clima de acentuada tensão que permita um governo autoritário ou, no mínimo, a durável permanência de uma direita mais conservadora¹⁴.

O *compromisso histórico* pretende, em suma, responder às graves e diferenciadas constrações sentidas pela sociedade, não deixando de refletir as ambições políticas de Enrico Berlinguer – colocar o PCI no governo. Em face do periclitante contexto sociopolítico (crise económica, impulsos reacionários, instabilidade governativa), o secretário comunista encontra-se persuadido pela impossibilidade de governar unicamente com as forças de esquerda, comunistas e socialistas. Mesmo que contem com 51% dos votos. Pretende, por isso, a coligação com a DC, a maior força política italiana.

La Proposta comunista acaba por constituir o eixo demiúrgico de um movimento polarizador que penetra no tecido social e nos círculos políticos, intelectuais e jornalísticos. O campo da informação transforma-se, neste sentido, no palco privilegiado onde se digladiam perspectivas antagónicas pela imposição de uma determinada perceção do mundo social. O tal conflito que Pierre Bourdieu define como “a forma original da luta simbólica pela conservação ou pela transformação” desse mundo social, a disputa pelo *poder simbólico* “de fazer ver e fazer crer, de predizer e prescrever, de dar a conhecer e fazer reconhecer”¹⁵.

A luta simbólica do PCI surge, pois, ancorada no binarismo da *conservação* (manter eleitorado) e da *transformação* do mundo social (atualização da cultura política para gerar novos consensos). A revisão teórico-estratégica e a implementação de uma cultura política renovada, mais plural e aberta ao diálogo com os adversários políticos, em muito contribuem para a ascensão comunista. O retorno ou a adesão de intelectuais à esfera do partido, de Alberto Moravia a Pier Paolo Pasolini¹⁶, constitui, de alguma forma, um sintoma de uma evolução com expressão eleitoral.

As consultas populares do biénio 1975-76 sentenciam os melhores resultados da história do PCI. O dia 15 de junho de 1975 (eleições regionais) anuncia os comunistas com 33,5% das intenções de voto, a menos de dois pontos percentuais do partido católico. Semelhante cenário preside às eleições legislativas de 1976, no quadro de uma campanha dominada pela possível vitória comunista. Epílogo que não se verifica uma vez que a DC recupera alguns consensos (38,7%). Berlinguer supera o resultado precedente e fixa novo máximo em 34,4%. A estratégia do governo de *unidade democrática* sanciona a ascensão comunista e fortalece a imagem de um partido que, já não sendo apenas expressão da classe operária, reúne simpatias noutros segmentos da sociedade.

Todos os esforços de Berlinguer vão no sentido de desmistificar a retórica anticomunista e dar a conhecer a profunda revisão dos instrumentos teóricos e propósitos estratégicos. Evidenciar que o PCI renega definitivamente a ditadura do proletariado, que preconiza as regras democráticas, o pluralismo de vozes e reequaciona as considerações sobre outros sectores da economia (iniciativa privada). Este trabalho

¹⁴ É a designada estratégia da tensão.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre – *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 2001, 173-174.

¹⁶ AJELLO, Nello – *Il lungo addio: intellettuali e PCI dal 1958 al 1991*. Roma: Laterza, 1997, 110.

político-doutrinário rumo a uma renovada identidade conhece os primeiros grandes obstáculos nas campanhas eleitorais de 1975-76, encimados pelo principal destinatário de *La Proposta*. Os democratas-cristãos não abandonam a imagem do comunista inimigo e ameaçador dos preceitos democráticos. Apresentam-se, por isso, como o partido paladino das liberdades e o baluarte contra o *perigo vermelho*, recusando o *compromisso histórico*.

O sistema político atinge por esta altura o auge de bipolarização e torna-se sempre mais anacrónico um governo que não contemple a participação dos comunistas. Ideia difusa não somente ao nível interno mas, igualmente, nos círculos políticos e jornalísticos internacionais. O *Washington Post* refere, por exemplo, que seria prudente os Estados Unidos atribuírem ao PCI a importância de um partido com o qual qualquer governo deveria estabelecer acordos, não obstante os riscos de uma massiva força comunista¹⁷. E no *Le Monde* escreve-se que “enquanto a DC não se decidir pelo diálogo com os socialistas e comunistas, Itália é ingovernável”¹⁸.

3. Oposição ao pensamento de Berlinguer

O impacto do *compromisso histórico* despoleta obstáculos e expectativas quer do ponto de vista da política interna italiana, quer ao nível da ordem bipolar da Guerra Fria. Tanto os antagonismos ao projeto comunista, como a legitimação política e cultural de uma renovada identidade, desenvolvem-se dentro e fora do partido.

Uma primeira ordem de obstáculos face à estratégia do *compromisso histórico* provem do interior do PCI. Giorgio Amendola ilumina, subtilmente, o viés do dissenso aquando do pré-debate do XIV Congresso: “De certeza que estamos todos de acordo? Queria acreditar, mas não consigo”¹⁹. Luigi Bianchi, jornalista do *Corriere della Sera*, faz o mapeamento dos desvios internos e apresenta dois sentidos: Giorgio Amendola, precursor de uma aliança com a DC a curto prazo para combater a crise económica; e Pietro Ingrao, vocacionado para uma alternativa de esquerda que pressione a DC até provocar profundas fraturas internas, a única possibilidade para evitar confusas convivências com *centrismos* e estreitar laços com as massas católicas²⁰. A estas duas vozes juntam-se as dúvidas de Giorgio Napolitano, o ceticismo de Umberto Terracini e a fria indiferença de Luigi Longo²¹.

Para largos sectores da imprensa e da opinião pública subsiste uma espécie de contraste entre, de um lado, as bases e os quadros do partido e, do outro, a estratégia da secretaria de Berlinguer. A empatia estabelecida, no último dia do XIV Congresso, entre a plateia e a intervenção do delegado do Partido Comunista Português (PCP) é prontamente interpretada pelo *Corriere della Sera* e *La Stampa* como uma identificação

¹⁷ Citado por Aldo Rizzo, “Compromesso o alternativa”, *La Stampa*, 25/06/1976, 1.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ Giorgio Amendola, “Conoscere e discutere i fatti”, *Rinascita*, 07/02/1975, 11.

²⁰ Luigi Bianchi, “Si apre oggi il congresso del PCI per discutere del ‘compromesso storico’”, *Corriere della Sera*, 18/03/1975, 1.

²¹ Giorgio Amendola, Pietro Ingrao, Giorgio Napolitano, Umberto Terracini e Luigi Longo (antigo secretário-geral dos comunistas) são alguns dos altos expoentes dos quadros do PCI neste período.

das bases do PCI com a cultura dogmática e ortodoxa dos *compagni* portugueses alinhados com Moscovo. Durante 15 minutos, Domingos Abrantes é aplaudido em 13 ocasiões, colhendo um forte abraço do representante soviético Andrei Kirilenko²². Vários autores sustentam que até ao final dos anos 70 a União Soviética ainda constitui um importante referente para a maioria dos inscritos no PCI²³.

A segunda ordem de oposição ao pensamento de Berlinguer situa-se fora do partido e reside na posição dos Estados Unidos, da própria União Soviética e, ao nível doméstico, da Democracia Cristã e da massa intelectual de esquerda – animada por diferentes polos ideológicos. O *aggiornamento* comunista está longe de sensibilizar Washington, pese embora os esforços em postular a independência diante de Moscovo. Ao invés, avoluma os temores quanto à presença do PCI num governo italiano²⁴. Henry Kissinger nunca abandona o dogmatismo rígido neste momento de evolução do quadro do comunismo internacional. O secretário de Estado norte-americano salienta, insistentemente, que a inclusão de forças comunistas em governos europeus de países da NATO representa uma ameaça para a segurança ocidental, podendo levar à retirada das forças americanas da Europa e até à impossibilidade de manter a atividade da Aliança Atlântica²⁵.

A União Soviética olha, por sua vez, com desconfiança para as intenções dos correligionários italianos, principalmente nesta primeira fase de afirmação de uma linha política interna. Moscovo enfrenta com desconforto os entendimentos que, por exemplo, confinam as leituras da crise económica e política do mundo ocidental ao âmbito das competências dos partidos comunistas dessa ordem geográfica²⁶. Para os dirigentes soviéticos, são teses que colocam em causa a unidade do movimento comunista internacional.

Não menos trabalhosa é a recusa da direção democrata-cristã em encetar qualquer tipo de diálogo com o PCI. No período de lançamento do *compromisso histórico*, coincidente com a liderança inflexível de Amintore Fanfani, a postura da DC reforça a ideia de que se trata de um projeto inserido na cronologia dos médios e longos prazos.

Mas, numa altura em que a cultura comunista assegura importantes apoios na sociedade italiana, o verdadeiro maremoto no plano ideológico provém de um conjunto de intelectuais situados na esfera da revista *Mondoperaio*, órgão teórico do PSI. Na origem do ataque contra alguns dogmas do *ethos* político comunista estão pensadores de distinta proveniência disciplinar e ideológica, como Norberto Bobbio, Lucio Colletti, Massimo Salvadori, Ernesto Galli della Loggia ou Paolo Sylos Labini.

Este grupo informal de intelectuais critica o carácter antidemocrático do *compromisso histórico* e aproveita a oportunidade para alargar o debate e investir contra as bases teóricas da doutrina marxista sobre o Estado e a democracia, contra as figuras de

²² Luca Giurato, “Un delegato portoghese suscita imbarazzo nel pci”, *La Stampa*, 23/03/1975, 1.

²³ BARBAGLI, Marzio; CORBETTA, Piergiorgio – “Una tattica e due strategie. Inchiesta sulla base del PCI”. *Il Mulino*. Bologna: Il Mulino. Anno: XVII (260), novembre/dicembre (1978), 922-967.

²⁴ GALLI, Giorgio – *Il decennio Moro-Berlinguer: una rilettura attuale*. Milano: B. C. Dalai, 2006.

²⁵ Citado por Ugo Stille, “Kissinger contrario al dialogo tra socialisti e comunisti europei”, *Corriere della Sera*, 06/02/1976, 1.

²⁶ Citado por Giovanni Russo, “Più difficili i rapporti fra URSS e PC europei”, *Corriere della Sera*, 18/10/1975, 1.

Togliatti, Gramsci e o conceito de hegemonia. Contesta a prioridade do *coletivo* e do *social* e polemiza sobre a natureza totalitária dos países do socialismo real. Começa Bobbio em 1975 ao afirmar que uma teoria marxista de Estado não existe. Entre outros argumentos, refere que se havia acreditado poder colmatar essa carência mais com subtis exegeses de textos marxistas do que com estudos sobre as instituições políticas dos Estados contemporâneos. Esta deformação resultaria do maior interesse conferido à história das doutrinas políticas em detrimento da história das instituições²⁷.

As reflexões de Bobbio suscitam um debate de enorme amplitude com repercussões nas hostes comunistas. A massa intelectual do PCI – de Umberto Cerroni a Giuseppe Boffa, Achille Occhetto, Piero Ingrao ou Berlinguer – interpreta a ofensiva do *Mondoperaio* como uma campanha propagandística em defesa da social-democracia e um conluio anticomunista.

Um contributo importante para a leitura desta peleja é dado por Pierluigi Battista em *Cultura e Ideologie*. Ao observar que a ofensiva teórica caracteriza-se por uma crítica eclética e multicultural, percorrendo várias direções e prolongada no tempo, Battista nota que o desafio encetado pelo órgão socialista corresponde ao período de renovação ideológica do próprio PSI, da passagem progressiva dos últimos alicerces marxistas para os princípios do liberal-socialismo²⁸.

A controvérsia toca, ainda, outras sensibilidades, sendo também aproveitada pela esquerda radical. Antonio Negri tanto repele os argumentos avançados por Bobbio, afirmando ser a democracia um termo mistificador que cobre um sistema de poder fundado na “regra capitalista do desenvolvimento da exploração”, como não enjeita a oportunidade de afirmar que o PCI recusa uma doutrina revolucionária do Estado²⁹. Isto é, que o PCI, tal como Bobbio, concebe uma democracia representativa desvirtuada pelo desenvolvimento capitalista. O PCI convive, de facto, com os desafios lançados, de um lado, por intelectuais próximos da área socialista e, do outro, por impulsionadores da esquerda radical.

4. Legitimando uma renovada identidade

No pensamento do líder comunista, todos os obstáculos ao *compromisso histórico* não colocam em causa a viabilidade de uma proposta que apresenta inegável elasticidade. A legitimação deste renovado constructo evolui em redor de formações discursivas que revelam uma dimensão ilocutória tendente a restringir as ambiguidades expressas, designadamente quando se trata de comunicar com o exterior do partido.

Logo na abertura do XIV Congresso de Roma, Berlinguer mostra-se refratário ao abandono do Pacto Atlântico e assegura que a via nacional do PCI é compatível com a posição geopolítica italiana³⁰. Em fevereiro de 1976 profere um discurso

²⁷ Norberto Bobbio, “Esiste una dottrina marxista dello Stato?”, *Mondoperaio*, Agosto/Setembro, 1975, 26.

²⁸ BATTISTA, Pierluigi – “Cultura e Ideologie”. In SABBATUCCI, Giovanni; VIDOTTO, Vittorio – *Storia d'Italia. Storia d'Italia Contemporanea: dal 1963 a oggi*. Roma: Laterza, 1999, 493-495.

²⁹ NEGRI, Antonio – “Esiste una dottrina marxista dello Stato?”. *Aut aut*. Milano: Il Saggiatore. N.º 152-153, Março/Junho, 1976, 35.

³⁰ Citado por *L'Unità*, “Il rapporto di Berlinguer al XIV Congresso del PCI”, 19/03/1975, 7-11.

fraturante na reunião magna dos correligionários soviéticos, batendo-se pelas liberdades fundamentais, a autonomia do partido e as regras democráticas. Declara ao *Corriere della Sera*, em junho do mesmo ano, que se sente mais seguro na esfera da NATO, não obstante as “sérias tentativas para limitar a autonomia” do PCI³¹. Pelo meio, durante a conturbada transição para a democracia em Portugal, vai levantando o tom das críticas ao comportamento do PCP até afirmar que os dois partidos possuem concepções diversas a respeito da democracia e do pluralismo³². E em 1979 acaba mesmo por transformar o XV Congresso do PCI no areópago através do qual sanciona todas as etapas em direção à rutura definitiva com Moscovo, colocando de parte evocações ao marxismo-leninismo³³.

A disseminação das mensagens políticas não apenas implica a seleção de diferentes instâncias de enunciação, como também joga com os três níveis de sujeitos inscritos no discurso: o *locutor*, aquele que fala ou os que falam em nome dele; o *alocutário*, para quem se direciona; e o *delocutário*, de quem se fala³⁴. Isto quer dizer que a orientação política de Berlinguer serve-se de um vasto número de dispositivos para a emissão de discursos (meios de comunicação, comícios, alocações), articulados no tempo e no espaço em função dos destinatários e objetivos. Defender em 1976, no Kremlin, diante de 5.000 delegados, a autonomia do partido e os valores universais da democracia ou referir, no contexto da campanha eleitoral das legislativas, que o PCI se sente mais seguro na esfera da NATO não são opções privadas de sentido para quem, como o secretário comunista, pretende legitimar uma determinada leitura do (euro)comunismo.

Outra tentativa de superar os óbices internacionais é avançada através da fórmula do *eurocomunismo*, levedada no biénio 1975-76 e apresentada em 1977. O esforço teórico de Berlinguer procura integrar a *singular via italiana para o socialismo* num quadro euro-ocidental mais vasto e adequar, numa terceira via, linhas programáticas que impulsionem a construção de um novo tipo de sociedade, superando os modelos de países que haviam já realizado o socialismo. Essa *sociedade original*, crítica em relação aos limites impostos por Moscovo ao nível da democracia, das liberdades fundamentais, dos direitos humanos, do aparelho burocrático, assenta nos princípios da liberdade e do pluralismo democrático, enquanto aspetos indissociáveis do socialismo, e renuncia à revolução como meio privilegiado para a conquista do poder³⁵. Auspícia um internacionalismo que, além do proletariado, abarque a totalidade das forças democráticas.

Em termos de política interna, o estabelecimento de uma via de diálogo com o principal oponente e a introdução de uma cultura política mais pèrvia ao exterior são

³¹ Entrevistado por Giampaolo Pansa, “Berlinguer conta ‘anche’ sulla NATO per mantenere l’autonomia da Mosca”, *Corriere della Sera*, 15/06/1976, 1.

³² Enrico Berlinguer e Felice La Rocca, “L’on. Berlinguer indica la linea del PCI”, *Il Messaggero*, 13/06/1975, 1-2.

³³ IGNAZI, Piero – “I partiti e la politica dal 1963 al 1992”. In SABBATUCCI, Giovanni; VIDOTTO, Vittorio – *Storia d’Italia. Storia d’Italia Contemporanea: dal 1963 a oggi*. Roma: Laterza, 1999, 101-232.

³⁴ BENETTI, Marcia – “Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos”, In LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia – *Metodologias de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007, 116.

³⁵ SEGRE, Sergio – *A chi fa paura l’Eurocomunismo*, Rimini-Firenze: Guaraldi, 1977; TIMMERMANN, Heinz – *I partiti comunisti dell’Europa mediterranea*, Bologna: Il Mulino, 1981.

inovações que acompanham o percurso comunista. A eleição de Benigno Zaccagnini para a direção democrata-cristã, em julho de 1975, abre caminho ao diálogo até ao momento bloqueado pela inflexibilidade de Amintore Fanfani. Neste jogo de resiliências, o presidente do Conselho Aldo Moro desempenha um papel fundamental quando se trata de diminuir a entropia comunicativa em relação ao PCI. O democrata-cristão é o principal impulsionador de maior cooperação entre os dois partidos.

Se o economicismo tático democrata-cristão e os vínculos internacionais subjacentes à divisão bipolar supervisionam a ascensão comunista em direção à área de governo, o mesmo tipo de condicionamentos atenua-se quando a imagem do PCI começa a atrair orientações tradicionalmente estranhas ao seu húmus cultural. A legitimação da estratégia de Berlinguer passa, também, por essa abertura: projetar uma cultura política mais pluralista, evitar um posicionamento integralista, sectário e assegurar a formação de uma plataforma unitária disposta ao diálogo e a eventuais convergências com outras forças políticas.

Esta posição plasma-se no momento em que o discurso comunista encontra alguma receptividade, por exemplo, nos temperamentos dimanados do prolongado 68 italiano. São aflúncias que haviam experimentado uma ideologia ambivalente, congregando insurreições inspiradas em tonalidades marxistas-leninistas (igualitarismo, milenarismo) e rebeliões motivadas pela pedagogia da tolerância (permissividade e bem estar)³⁶. A preocupação com os jovens figura no debate pré-congressual de 1975 na medida em que consiste “num dos aspetos fundamentais da batalha para a conquista estável de novos estratos de juventude e de intelectuais”³⁷.

O PCI³⁸ atrai, de facto, filiações políticas que de alguma forma consideram o partido o meio útil para atingir um fim superior, “o mal menor” como refere Fabrizio De André. Numa entrevista ao diário toscano *La Nazione*, o célebre compositor afirma que teria preferido votar na formação de extrema-esquerda Luta Continua. Admite, porém, ter escolhido o PCI e justifica a decisão com o facto de o partido fazer uma “política de sobrevivência”³⁹.

4.1 O debate interno da *La Proposta Comunista*

Depois de se abordar os entraves à estratégia de Enrico Berlinguer do ponto de vista internacional, da política doméstica e no restrito contexto das disposições programáticas do partido. Depois de se analisar a base concetual sobre a qual assenta a legitimação desta estratégia no plano exógeno, para fora do partido. Falta agora perceber como o secretário-geral consagrou, no interior do PCI, a proposta do *compromisso histórico*.

³⁶ CARDINA, Miguel – *A Esquerda Radical*. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

³⁷ Massimo D’Alema, “‘Forte e malizioso’ anche verso l’estremismo”, *Rinascità*, 07/03/1975, 22.

³⁸ Consistentes quadros do partido continuam, porém, a perceberem depreciativamente a generalidade dos movimentos políticos situados à sua esquerda, considerando que são movidos por utopias existenciais e contradições teórico-programáticas.

³⁹ Entrevistado por Claudio Marabini, “Tra la rivoluzione e la canzone”, *La Nazione*, 17/08/1975, 3.

Este ângulo de análise remete para as reações despoletadas por *La Proposta Comunista*⁴⁰, apresentada em dezembro de 1974 ao Comité Central e à Comissão encarregue de preparar o XIV Congresso. Remete, portanto, para o debate pré-congressual realizado entre janeiro e março de 1975.

Com longos textos publicados na *Tribuna Congressuale*, da revista teórica *Rinascita*, ou no diário *L'Unità*, a troca de ideias gravita em redor de temáticas mais ou menos aprofundadas pelo projeto comunista e abarca as mais destacadas figuras do partido. Não faltam pontos de vista dissonantes como o de Lucio Radice, do Comité Central, que considera o termo *compromisso histórico* insuficiente porque significa, para muitos, um simples acordo de poder, de governo⁴¹. Ou o de Massimo D'Alema, da Federação de Pisa, que chama a atenção para a *profunda* fratura entre as forças de esquerda que a luta pela unidade popular pode provocar⁴².

Uma das questões mais relevantes reside na forma como se desenvolve o debate. Giorgio Amendola é o primeiro a afirmar que esse carece de amplitude e não reflete a “dramaticidade da situação, a importância dos temas colocados à discussão do partido”⁴³. Lucio Libertini, da Federação de Turim, corrobora da mesma ideia e, baseando-se na experiência do trabalho político em Piemonte e noutras regiões, vai mais longe:

*“O debate real desenvolve-se de modo insuficiente, frequentemente como se estivesse previsto um acordo geral que não deixa espaço para o confronto efetivo. (...) Penso que se deva ir mais além e perguntar qual o significado destes limites. (...) O temor de avaliar as eventuais diferenças de opinião sobre uma matéria tão urgente, a difusa e justificável adesão à unidade dos comunistas, a elevada confiança no partido e na sua direção, fazem sim que muitos, neste momento, prefiram remeter-se mecanicamente ao texto da comunicação de Berlinguer”*⁴⁴.

As posições de Giorgio Amendola e Lucio Libertini deixam entrever que a modalidade com que é aduzida a estratégia do *compromisso histórico* causa desconforto, sem se conseguir debater verdadeiramente os seus pontos fortes e pontos fracos e não reunindo consenso ao nível dos órgãos do PCI. Libertini assegura que em torno de *La Proposta* existem dúvidas, perplexidades e dissensos⁴⁵.

Ao caracterizar a estrutura partidária italiana e as dinâmicas políticas entre 1963 e 1992, Piero Ignazi nota que a forma como o projeto é apresentado, primeiro ao exterior e depois internamente, segue o hábito *togliattiano* “de fazer descer do alto as inovações mais radicais”. Trata-se, então, de uma estratégia para “adquirir autoridade carismática, ou seja, uma autoridade que se afirma pelo reconhecimento e inovação e não pela observância das regras e tradições”⁴⁶.

⁴⁰ BERLINGUER, Enrico – *La Proposta Comunista. Relazione al Comitato Centrale e alla Commissione Centrale di Controllo del PCI in preparazione del XIV congresso*. Torino: Einaudi, 1975.

⁴¹ Lucio Radice, “Quattro punti sul compromesso storico”, *Rinascita*, 14/02/1975, 7.

⁴² Massimo D'Alema, “Forte e ...”, *Rinascita*, 07/03/1975, 22.

⁴³ Giorgio Amendola, “Conoscere e discutere i fatti”, *Rinascita*, 07/02/1975, 11.

⁴⁴ Lucio Libertini, “Non un dato da accettare ma una strategia offensiva”, *Rinascita*, 28/02/1975, 14.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ IGNAZI, Piero – *I partiti...*, 149.

O ano de 1974 marca o início do esforço comunista no sentido de gizarm uma imagem menos dogmática, pluralista, em consonância com as regras democráticas, portadora de um novo sentido de Estado e até com esboços de autocrítica. Se esta inflexão é mais ou menos assimilada pela opinião pública, dúvidas permaneceram, todavia, em relação aos vínculos com Moscovo. É este o principal obstáculo à legitimação da estratégia *berlingueriana* quer ao nível da política doméstica, quer no plano internacional. Quando, em março de 1975, o líder do PCI reitera a fidelidade aos princípios e à prática do internacionalismo proletário e constata que o mundo socialista, ao contrário daquele capitalista, prospera em termos de produtividade⁴⁷, não poucas são as vozes que se insurgem, acusando-o de triunfalismo e de considerar que a esfera socialista se reger por um clima moral superior.

5. A Democracia Cristã entre o *mau governo* e a *questão moral*

A revisão teórico-estratégica do PCI, materializada nos projetos *compromisso histórico* (política interna) e *eurocomunismo* (política externa), é um dos elementos que acaba por impulsionar o diálogo, ainda que parcimonioso, entre comunistas e democrata-cristãos. É uma poupada convivência cuja leitura remete para um acordo político determinado pelo progressivo deslocamento à esquerda do eleitorado, no triénio 1974-76⁴⁸. Esse deslocamento despoleta, por sua vez, uma reflexão interna na DC e deve ser entendido à luz de um contexto altamente crítico para a Península Itálica.

Guido Carli⁴⁹ explica, em 1977, alguns fatores que contribuem para essa situação de alarme, utilizando a expressão *Esquizofrenia* para definir o panorama italiano em termos políticos, sociais e económicos. O antigo governador do Banco de Itália considera que uma parte do país animada por energias de vanguarda, no plano económico, dos valores e das necessidades, contrasta com um outro sector ainda caracterizado pelo anacronismo, onde predominam extensas zonas agrícolas de subsistência e uma administração pública e instituições políticas ancoradas em leis de 1865⁵⁰.

A observação de Carli atinge diretamente a ação e a cultura política da DC, depois de mais de duas décadas à frente dos destinos de Itália⁵¹. Está implícita a ideia de que uma parte relevante do secular atraso italiano surge relacionada com a liderança (ou ausência) do partido católico. O triénio 1974-76 revela-se, deste ponto de vista, particularmente difícil para a governação e o *establishment* dominante. Primeiro, acentua o descrédito dos dirigentes democratas-cristãos e dos tradicionais parceiros de coligação, associados ao intrincado manto das mentiras do Estado, escândalos e

⁴⁷ Citado por *L'Unità*, "Il rapporto di...".

⁴⁸ IGNAZI, Piero – I partiti...

⁴⁹ Governador do Banco de Itália entre 1960 e 1975. Em 1976 passa a dirigir a Confederação Geral da Industria Italiana (Cofindustria).

⁵⁰ CARLI, Guido; SCALFARI, Eugenio – *Intervista sul capitalismo italiano*. Bari: Laterza, 1977, 49.

⁵¹ Apesar do clima de crise interna e externa que afeta os democratas-cristão, importa salientar o trabalho da DC ao nível do fortalecimento das instituições e das liberdades democráticas que substituem a ordem fascista, criando condições para o gradual desaparecimento da secular miséria italiana, para o crescimento económico, para a construção do Estado Social e o surgimento de grandes energias morais.

corrupção. Segundo, ilumina a consciência de que o modo de governar do maior partido político caminha num sentido diametralmente oposto ao da sociedade, entregue, como constataria Aldo Moro, a novas dinâmicas inseridas num processo de autodeterminação da pessoa e cujo impacto colocara em crise a hegemonia da DC⁵².

A questão da corrupção dá origem a inflamadas celeumas na imprensa e envolve, no debate público, destacados vultos da intelectualidade italiana, de Leonardo Sciascia a Italo Calvino e Pasolini. São alvo da ira dos articulistas a manipulação do dinheiro público, a cumplicidade com a mafia, o tráfico de influências e os complexos relacionamentos com estruturas secretas do Estado, da italiana SID à norte-americana CIA.

O *mau governo* é o assunto que adquire sempre maior pertinência ao nível da opinião pública, definido enquanto prática que resgata os negócios do Estado para a esfera dos negócios privados. A *questão moral* transforma-se numa questão política e é colocada por Berlinguer, em finais dos anos 70, no topo das prioridades da agenda pública. A perversão associada à classe política invade o imaginário coletivo enquanto axioma cada vez menos relacionado com um qualquer sintoma distópico, antes concebida como prerrogativa do homem político.

Na curva dos anos 60 para os anos 70, ganha expressão a inquietante elegia através da qual largos segmentos da sociedade relacionam exponentes da DC com o princípio oligárquico, por um lado, e com o governo invisível, por outro. Recorrendo à lente *orwelliana*, o princípio oligárquico ocorre quando um grupo dominante consegue perpetuar-se a si próprio e conserva a capacidade para designar os seus sucessores⁵³.

Já o governo invisível remete para uma espécie de poder que atua simultaneamente ao lado, dentro e contra o Estado. É legitimado pelos labirintos do secretismo, favores ilícitos e violações da lei, refratário às responsabilidades civis, administrativas, penais e, na verdade, à *res publica*. Trata-se de uma forma de poder que controla o Estado sem ser controlada. Os casos mais *ressonantes*, neste período, envolvem a Montedison, o colosso italiano da química mundial, e a Lockheed⁵⁴, poderosa companhia aeroespacial norte-americana. A primeira acusada de financiar ilicitamente os atores do parlamento⁵⁵ e a segunda de subornar determinadas estruturas do Ministério da Defesa para facilitar a venda de aviões.

6. Um novo modo de governar

As críticas à *praxis* política democrata-cristã começam a surgir de importantes sectores industriais não tradicionalmente hostis ao partido. Giovanni Agnelli, presidente da Fiat, fala em abril de 1975 de imobilismo político, ministérios impotentes, sem instrumentos e quadros, e da necessidade de um novo modo de governar⁵⁶.

⁵² SCOPPOLA, Pietro – *La repubblica dei partiti: profilo storico della democrazia in Italia, 1945-1990*. Bologna: Il Mulino, 1991, 397.

⁵³ ORWELL, George – *mil novecentos e oitenta e quatro*, 1ª edição 1949. Lisboa: Antígona, 2002.

⁵⁴ Admitiu ter pagado a políticos e militares em países como a Holanda, República Federal Alemã e Japão. O escândalo atingiu proporções invulgares.

⁵⁵ Fabrizio Carbone, “Fondi neri”: dopo tre ore la Corte rinvia la decisione”, *La Stampa*, 10/01/1975, 2.

⁵⁶ Citado por *La Stampa*, “Occorre un nuovo modo di governare”, 30/04/1975, 19.

Mas terá a DC ignorado o volume e a origem das reprovações à sua forma de fazer política? A resposta é negativa. Ao percorrer as páginas dos órgãos oficiais do partido, *Il Popolo e Il Domani d'Italia*, não se afigura ocioso identificar, no triénio 1974-76, três vocábulos dominantes: *crise, rinnovamento e refundação*. O debate interno procura encontrar alternativas. De acordo com os argumentos aduzidos, a impotência do partido decorre da falta de resposta às exigências da sociedade e da incapacidade de elaboração cultural, que se explica através do difícil diálogo com os intelectuais, do desequilíbrio institucional e da fraca afirmação moral⁵⁷.

Da autocrítica resulta a percepção de que as sucessivas crises de governo colocam em causa a unidade da DC, cada vez mais exposta às divisões internas, aos conflitos entre as *correnti* e ao risco de fratura. Resulta, sobretudo, a percepção de que as profundas mutações ocorridas ao nível dos equilíbrios de poder da sociedade elanguesceram as relações com o mundo católico e as demais forças políticas. Emerge, no final, a ideia de que urge fundar um novo tipo de comunicação com a classe operária, os jovens e o mundo feminino, os três grupos que granjeiam protagonismo pela alavanca das transformações sociais.

A crise da DC não evidencia, no entanto, um sentimento de descrença quanto à sua função na sociedade. A centralidade do partido e a identificação com extensos e relevantes estratos sociais é assumida pelo universo democrata-cristão como uma verdade apodíctica⁵⁸. O discurso da *refundação* projeta uma vontade de mudança de ordem política e não estatutária, uma escolha que deve operar-se, por exemplo, entre o centralismo e o regionalismo⁵⁹. A regeneração deve começar pela classe dirigente e provocar uma maior abertura às animosidades sistémicas, políticas ou culturais⁶⁰. Cumpre, pois, encetar uma rotação política que confira mais espaços de liberdade à sociedade civil e uma renovada predisposição para perceber as contradições da mesma. Perceber, fundamentalmente, que o mundo católico trilha outros caminhos que, sendo já divergentes dos da DC, importa intercepar.

A discussão interna ganha vigor a partir de maio de 1974 e chega a uma base avaliativa em março de 1976. Por altura do XIII Congresso da DC, sobressai a linha argumentativa que advoga o reforço das relações com o PSI. Ainda que perturbada pela intransigência socialista na reta final da secretaria de Francesco Di Martino, essa estratégia procura reabilitar a fórmula política do centro-esquerda e refutar o *compromisso histórico*, não obstante as vozes internas que defendem mais sensibilidade na abordagem à designada *questão comunista*.

Este impulso introspetivo é acelerado pelos resultados das três consultas populares – referendo do divórcio (1974), eleições regionais (1975) e legislativas (1976)

⁵⁷ Guido Bodrato, “Squilibrio istituzionale, mancata risposta alla società esigente, scarsa tenuta morale e incapacità di elaborazione culturale sono le cause della crisi politica della Dc”, *Il Domani d'Italia*, Junho/Julho, 1975, 13-16.

⁵⁸ Ardigò Achille, “Proposta per un dibattito: le ragioni di sopravvivenza della Democrazia Cristiana”, *Il Domani d'Italia*, Fevereiro, 1975, 8-9.

⁵⁹ Piero Bassetti, “La scelta fra centralismo e regionalismo è un capitolo ormai ineludibile della ‘questione democristiana’”, *Il Domani d'Italia*, Fevereiro, 1975, 12-13.

⁶⁰ Emilio Colombo, “Emilio Colombo: il rinnovamento della Dc comincia dal metodo di selezione della classe dirigente, ma deve cominciare subito”, *Il Domani d'Italia*, Junho/Julho, 1975, 16-17.

–, encarados como um apelo à mudança por parte da opinião pública. O renovado horizonte programático invocado pelo debate interno apenas influencia parcialmente o conteúdo das propostas e das linhas discursivas. Genericamente, a retórica democrata-cristã direciona a atenção para a massa jovem e o mundo feminino. A alteração mais substancial ocorre depois de junho de 1976, na época dos governos de solidariedade nacional, através da poupada colaboração com o PCI, motivada pelas exigências de uma conjuntura adversa.

Como refere Pietro Scoppola, estudioso e intérprete do universo democrata-cristão italiano, Aldo Moro tudo fez para que o relacionamento com o PCI envolvesse toda a DC, considerando a unidade do partido condição essencial da operação⁶¹. Defender a integridade da DC constitui, em última análise, a prerrogativa fundamental para mantê-la no centro do sistema democrático, pelo que o encontro com os comunistas em muito contribui para o efeito⁶².

Conclusão

O triénio 1974-76 italiano deve ser interpretado como ponto de chegada e, simultaneamente, ponto de partida de elementos que unificam ou conferem relações de sentido a um ciclo temporal mais extenso. O *compromisso histórico* é, em termos políticos, o principal elemento de chegada que outorga relevância a esse período e aos anos ulteriores. Muitos colocam a proposta comunista no palco teratológico de mais uma malformação da vida política, um cilindro aniquilador de vários partidos e adverso à alternância de poder. Como refere o democrata-cristão Giulio Andreotti, sete vezes presidente do Conselho, seria o “fruto de uma profunda confusão ideológica, cultural, programática, histórica”, qualquer coisa que representa a “soma de dois problemas: o clericalismo e o coletivismo comunista⁶³”.

Outros, por sua vez, lobrigam-no como um projeto reformador capaz de responder à conjuntura crítica, a solução inevitável, a elucubração que permite conceder ao país um governo de salvação nacional. Em última análise, um mal necessário. A face da moeda que desloca eleitorado, jornalistas, políticos e intelectuais para os antípodas do *compromisso histórico* tem de coabitar com a outra face que atrai semelhante parcela de opinião pública para o consenso comunista.

La Proposta materializa uma mudança estratégica que, como se viu, não se pode definir de indolor. As divergências no interior do partido ajudam a justificar, em parte, o carácter algo ambíguo que norteia a fórmula, principalmente, entre 1974 e 1976. A explicação remanescente reside na natureza política do principal destinatário e na questão (quase) ontológica que a ele esteve sempre associada: com qual DC fazer o acordo? E quando?

⁶¹ SCOPPOLA, Pietro – *La repubblica dei...*, 399.

⁶² IGNAZI, Piero – *I partiti...*, 171.

⁶³ FALLACI, Oriana; ANDREOTTI, Giulio *et al.* – *Intervista con la Storia*, 1ª ed. 1974. Milano: Rizzoli, vol. 1, 2010, 395.

O projeto de Berlinguer realiza-se, parcialmente, nos dois governos de solidariedade nacional conduzidos por Giulio Andreotti, entre julho de 1976 e janeiro de 1979, graças à abstenção do PCI. Os comunistas entram na área de governo ainda que somente no plano parlamentar, sem ministros. O assassinato do principal interlocutor entre os dois partidos, Aldo Moro, acelera o fim da colaboração entre a DC e o PCI.

Abundam as interpretações acerca deste período fulcral da história italiana, coberto em muitos aspetos por um manto nubloso e permeável à controvérsia. Mas parecem consensuais os entendimentos que explicam a parcimoniosa sensibilidade da DC em função de um acordo político determinado pelo progressivo deslocamento à esquerda do eleitorado. Na perspetiva democrata-cristã, é uma colaboração despoletada pelas circunstâncias políticas, de crise económica e de alarme social devido ao terrorismo⁶⁴. E, em última análise, o meio através do qual a DC consegue manter o papel central no sistema político.

Bibliografia

- AJELLO, Nello – *Il lungo addio: intellettuali e PCI dal 1958 al 1991*. Roma: Laterza, 1997.
- BARBAGLI, Marzio; CORBETTA, Piergiorgio – “Una tattica e due strategie. Inchiesta sulla base del PCI”. *Il Mulino*. Bologna: Mulino. Anno: XVII (260), Novembro/Dezembro, 1978, 922-967.
- BATTISTA, Pierluigi – “Cultura e Ideologie”. In “. In SABBATUCCI, Giovanni; VIDOTTO, Vittorio – *Storia d'Italia. Storia d'Italia Contemporanea: dal 1963 a oggi*. Roma: Laterza, 1999.
- BENETTI, Marcia – “Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos”, In LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia – *Metodologias de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BERLINGUER, Enrico – *La Proposta Comunista. Relazione al Comitato Centrale e alla Commissione Centrale di Controllo del PCI in preparazione del XIV congresso*. Torino: Einaudi, 1975.
- BOBBIO, Norberto – *Compromesso e alternanza nel sistema politico italiano: saggi su «Mondo operai»*. Roma: Donzelli, 2006.
- BOURDIEU, Pierre – *O Poder Simbólico*. Lisboa: Diefel, 2001.
- CARDINA, Miguel – *A Esquerda Radical*. Coimbra: Angelus Novus, 2010.
- CARLI, Guido; Scalfari, Eugenio – *Intervista sul capitalismo italiano*. Roma; Bari: Laterza, 1977.
- DI MICHELE, Andrea – *Storia dell'Italia Repubblicana (1948-2008)*. Milano: Garzanti, 2008.
- FALLACI, Oriana; ANDREOTTI, Giulio et al. – *Intervista con la Storia*, 1ª ed. 1974. Milano: Rizzoli, vol. 1, 2010.
- GALLI, Giorgio – *Dal bipartitismo imperfetto alla possibile alternativa*. Bologna: Il Mulino, 1975.
- _____ – *Il decennio Moro-Berlinguer: una rilettura attuale*. Milano: Baldini Castoldi Dalai, 2006.
- IGNAZI, Piero – “I partiti e la politica dal 1963 al 1992”. In SABBATUCCI, Giovanni; VIDOTTO, Vittorio – *Storia d'Italia. Storia d'Italia Contemporanea: dal 1963 a oggi*. Roma: Laterza, 1999.

⁶⁴ DI MICHELE, Andrea – *Storia dell'Italia Repubblicana (1948-2008)*. Milano: Garzanti, 2008, 247-248.

- _____ – “L’evoluzione dei partiti contemporanei fra delegittimazione e centralità”.
Polis. Bologna: Il Mulino. N° 19 (2), 2005, 265-278.
- NEGRI, Antonio – “Esiste una dottrina marxista dello Stato?”. *Aut aut*. Milano: Il Saggiatore.
N° 152-153 (Março/Junho), 1976, 35-50.
- ORWELL, George – *mil novecentos e oitenta e quatro*, 1ª ed. 1949. Lisboa: Antígona, 2002.
- PASQUINO, Gianfranco – “Politica e ideologia”. In STAJANO, Corrado – *La cultura italiana del Novecento*. Roma: Laterza, 1996.
- SARTORI, Giovanni – *Teoria dei partiti e caso italiano*. Milano: SugarCo, 1982.
- SCOPPOLA, Pietro – *La repubblica dei partiti: profilo storico della democrazia in Italia, 1945-1990*. Bologna: Il Mulino, 1991.
- SEGRE, Sergio, – *A chi fa paura l’Eurocomunismo*. Rimini-Firenze: Guaraldi, 1977.
- TIMMERMANN, Heinz – *I partiti comunisti dell’Europa mediterranea*. Bologna: Il Mulino, 1981.

Publicações Periódicas

- Corriere della Sera* (1975, 1976)
Il Domani d’Italia (1975)
Il Messaggero (1975)
Mondoperaio (1975)
La Nazione (1975)
La Stampa (1975, 1981)
L’Unità (1975)
Rinascita (1973, 1975)